

A Educação que não pode morrer

Ronaldo Sávio Paes Alves¹

Ao longo de 21 anos de magistério, já vi e vivenciei muitas coisas boas: carinho e reconhecimento dos alunos, a satisfação por um trabalho ou projeto bem feito, o companheirismo dos colegas educadores e a boa convivência com o pessoal de apoio, a conquista final de um certificado e uma formatura.... Ser um profissional de educação é indiscutivelmente muito bom!

Mas tenho visto também muitas coisas ruins e que me fazem sentir que a Educação está morrendo. É recorrente ouvir que “a escola não evolui no mesmo passo que a sociedade”. Esta é uma questão difícil, pois parece que a culpa é da escola e de seus profissionais. No entanto, é preciso se pensar em que sociedade vivemos atualmente e que escola afinal queremos.

Ao observarmos as atuais relações sociais, é possível percebermos que o ideal de vida em harmonia e respeito vem se deteriorando diariamente. A alarmante escalada de violência física, as imorais manifestações de ódio nas redes sociais, a banalização da vida, a perda da infância e da adolescência resultante de uma precoce iniciação ao sexo e ao uso de todos os tipos de drogas (lícitas ou não), a desestruturação familiar... Todos esses componentes de um difícil e perigoso cenário são elementos de uma sociedade “adoecida”.

Muitas são as análises feitas por intelectuais gabaritados para tentar explicar/compreender as causas e efeitos de tão triste e preocupante contexto. Mas nossa intenção aqui é pensar nos seus reflexos na educação e no seu principal espaço: a escola. E não há como não considerarmos o mais recente exemplo de tais reflexos, como o que aconteceu na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano/SP.

Por volta das 9h30 do dia 13 de março, há pouco mais de um mês, um jovem de 25 anos e um adolescente de 17 anos invadiram a E.E. Prof. Raul Brasil fortemente armados e executaram friamente sete pessoas, sendo cinco estudantes e duas funcionárias. Após o massacre, os assassinos tiraram suas próprias vidas. Dois rapazes... uma escola... 9h30 de uma quarta-feira qualquer... nove pessoas mortas e dezenas que carregarão consigo os traumas de uma manhã de aulas que perdeu para sempre seu caráter de normalidade.

Muito se tem discutido e especulado sobre as motivações para a tragédia. Mas, para além das inúmeras questões levantadas, a que mais nos chama atenção, e é aparentemente menos questionada na mídia: por que uma escola? Por que até a escola tem se tornado um local perigoso?

A violência banalizada, a influência das drogas e o tráfico em seus portões, os valores “invertidos”. Esses são alguns elementos desse cenário. Infelizmente isso não é recente nem pontual.

No entanto, em meio a tudo isso, a mídia destaca, merecidamente, a ação de Silmara Moraes, merendeira que salvou cerca de 50 crianças ao abrigá-las na cozinha, atrás de uma barricada com um freezer. Um exemplo de perspicácia e instinto materno. Uma verdadeira heroína!

Heroína, como milhares de brasileiros que diariamente se expõem aos atuais “perigos” de se tentar educar os filhos de uma sociedade deseducada. Heroína, como nós, profissionais de educação, que “levantamos nossas barricadas” pedagógicas para que nossas meninas e meninos não se tornem presas fáceis da morte. Da morte física, moral, emocional e dos sonhos. Para lhes dar um futuro em que venham a ser protagonistas de suas próprias histórias. Silmara Moraes

¹ *Ronaldo Sávio Paes Alves* é professor e Historiador, Mestre em História Social, professor dos cursos de Pedagogia, Administração/Ciências Contábeis e Direito do UNIFESO. E-mail: rspalves@yahoo.com.br

nos representa e nos inspira. Nos ajuda a sermos heróis de uma educação que morre lentamente.